

LOHENGRIN



(Opera romântica em três atos)

Trata-se da quinta ópera de Richard Wagner, com libreto próprio e composição musical. Lohengrin, filho de Parsifal, era um dos cavaleiros do Santo Graal, em Montsalvat. O Graal, cálice em que Jesus derramou o vinho na Santa Ceia, foi levado, segundo a lenda, pelos anjos, da casa de José de Arimatéia, em Jerusalém, para Titurel, na Europa, santo cavaleiro que passa a guardá-lo em um mosteiro edificado no cimo imaculado do Montsalvat. Outras lendas teuto-medievais se referem ao Santo Graal, como sendo o vaso de esmeralda em que José de Arimatéria teria guardado o sangue de Cristo, quando ferido pelo centurião romano, no Calvário. A guarda da relíquia foi incumbida aos cavaleiros do Santo Graal. Os cavaleiros, todos puros, em volta de uma mesa, quando o chefe ergue o cálice, dele tiram seu vigor divino.

Componentes da ópera:

Lohengrin - tenor

Rei Henrique - baixo

Elsa de Brabant - soprano

Duque Gottfried - papel mudo

Friedrich von Telramund - barítono

Conde de Brabant

Ortrud, sua esposa - meio-soprano

O arauto do Rei - baixo

Quatro nobres de Brabant - tenor, baixo

Condes e nobres da Saxônia e da Turíngia, condes e nobres de Brabant Damas nobres, pajens, vassalhos, damas e servos

Composição da Orquestra:

piccolo, 3 flautas, 3 oboés, cornete inglês, 3 clarinetas, 3 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, contrabaixo de tuba, tímpanos, pratos, triângulo, pandeiro, harpa, violinos, violas e violoncelos

,No palco e nos bastidores:

piccolo, 3 flautas, 3 oboés, 3 clarinetas, 3 fagotes, 4 trompas, 12 trompetes, 4 trombones, órgão, harpa, tímpanos, pratos, triângulo e tambor.

Cenário: Antuérpia. Primeira metade do século X.

Prelúdio Orquestral

Ouve-se na orquestra sons agudíssimos, murmúrios de violinos que flutuam e logo se agregam em traçado mais preciso, enunciando o tema do Graal.

Primeiro Ato

Um prado, à beira do Scheldt perto de Antuérpia. O rio desce ao fundo da cena uma curva, de tal sorte que à direita algumas árvores obstruem a sua vista e não se o pode mais ver senão já bem longe.

(Em primeiro plano está sentado **o rei Henrique** debaixo de um frondoso e velho carvalho -denominado carvalho do julgamento-; às suas costas encontram-se os condes saxões e turíngios, nobres de Brabant, escudeiros e o povo, tendo à sua frente Friedrich von Telramund e, ao seu lado, Ortrud. No centro, um círculo aberto. O arauto do rei e quatro trombeteiros avançam até o centro. Os trombeteiros tocam a fanfarra do rei).

O Aauto - Ovi! Condes, nobres, homens livres de Brabant! Henrique, o rei da Alemanha, veio até aqui para tratar convosco, segundo as leis do reino, de uma convocação. Obedecereis à lei e ao seu comando?

Os Brabantinos - . Nós pretendemos obedecer à lei e ao seu comando. Sejai bem-vindo, bem-vindo, ò rei, em Brabant.

O Rei Henrique - (levantando-se) Deus esteja convosco, queridos homens de Brabant. Não foi por nada que eu fiz esta jornada até vós. Venho para vos lembrar de um difícil apuro do reino. Devo vos narrar, primeiramente, que o solo alemão vem sendo frequentemente castigado por forças do oeste? Nas mais longínquas fronteiras, tendes suplicado às mulheres e crianças de rezarem: “Senhor Deus, protegei-nos do furor dos húngaros!” Mas, a mim, o chefe do reino, compete pôr um fim a tal afronta; como preço do combate, tenho obtido a paz, durante nove anos - isto eu tenho usado para proteger o império; fiz construir cidades e fortalezas e usei o imposto e a convocação de nobres para a guerra. Agora expirou a trégua, o inimigo não paga o tributo que lhe foi imposto e nos ameaça levantar-se em armas. É chegada a hora de salvar a honra do império; que ele seja defendido por todos, do leste a oeste; que de toda parte que se chame terra alemã se formem tropas de combate, para que ninguém ouse insultar o império alemão!

Os Saxões e os Turíngios - Vamos todos, com Deus, lutar pela honra do reino!

O Rei - (sentando-se de novo) Eu vim até vós, homens de Brabant, somente para convocá-los a seguir o exército para Mainz, mas, vejamos só, uma coisa me revolta, brabantinos, e eu vos falo com aflição e lamento, que é de vos encontrar sem o príncipe e vivendo na dissensão! Eu aqui só encontrei discórdia, desordem e disputas selvagens; eu apelo então para o que tem a dizer disso tudo Friedrich von Telramund! Eu te tenho tido na mais alta conta, agora dize, o que posso saber da razão desse conflito.

Friedrich - Muito obrigado, meu rei, por teres vindo aqui também para fazeres justiça! Eu falarei a verdade, pois odeio a mentira. O duque de Brabant veio a morrer e, antes, confiou seus filhos à minha tutela, Elsa, a jovem moça, e Gottfried, o rapaz; com fidelidade velei sobre sua juventude, pois a preservação da vida deles tinha muito a ver com a minha honra. Julga, agora, senhor rei, minha terrível dor, logo que me foi arrebatada a jóia de minha honra! Elsa quis um dia levar a passear na floresta o rapaz, mas, de lá, lacrimosa, retornou sem ele; com uma falsa preocupação e dor indagava onde estava seu irmão; dizia que se distanciara um pouco do lugar onde o deixara, ao pé de uma árvore, ali não mais o encontrando quando retornou. Todos os esforços para encontrar o rapaz que se perdeu na floresta foram em vão; quando eu apertei Elsa, com ameaças, ela nos fez antever por suas hesitações e apreensões a prova de seu pavoroso crime. Horroriza-me a ação cometida por essa moça; ao direito à sua mão, que me havia sido prometido por seu pai, eu, de própria vontade, renunciei e tomei a mão de outra mulher, segundo o meu coração (ele apresenta Ortrud, que se inclina diante do rei). Ortrud, filha de Radbods, príncipe de Friesen. (Ele avança solenemente alguns

passos). Eu apresento a presente queixa contra Elsa de Brabant; eu a acuso da morte de seu irmão, de fratricídio. Eu reclamo, outrossim, segundo o bom costume deste país, o direito de reivindicar o reino de Brabant, porque eu sou o mais próximo em consanguinidade do falecido duque, e minha mulher descende de uma estirpe que, em tempos atrás, deu a este país seus príncipes. Ouviste, assim, a acusação, ó rei! Faze então justiça!

Todos os Homens - Ah, como Telramund a inculpa de um terrível crime! Como essa acusação me enche de horror!

O Rei - Quão terrível acusação tu fazes! Como seria possível numa virgem uma tão grande culpa?

Friedrich - Ó Senhor, essa mulher orgulhosa se apraz em viver delirando; ela também repeliu minha mão com orgulho. Eu também a acuso de possuir um amor secreto: ela presumia que, desembaraçando-se de seu irmão, teria, na condição de duquesa de Brabant, o direito de recusar a mão do homem escolhido por seu pai, para ocupar-se abertamente de seu secreto amor.

O Rei - (interrompendo com um gesto grave a cólera de Friedrich) Que se faça vir à minha presença a acusada! O julgamento deve agora começar! Que Deus me dê a sabedoria!

O Arauto do Rei - (dirigindo-se solenemente ao centro do círculo) Deve o julgamento ocorrer aqui, agora, segundo o direito e o poder da autoridade? **O Rei** - (pendurando com solenidade seu escudo no carvalho) Que este escudo não mais me proteja, até eu proferir com segurança e benevolência a minha sentença!

Todos os Homens - (sacando da bainha suas espadas, que **os saxões e os turín-gios** as deixam, diante deles, de pé, enfiadas na terra, ao passo que os brabantinos colocam as suas no chão) Que nossas espadas não retornem à bainha até que a sentença faça a costumeira justiça!

O Arauto do Rei - Lá onde vedes pendurado o escudo do rei, lá vereis a partir de agora ser feita a justiça em um julgamento! Eis porque eu chamo alto e forte: Elsa, compareça aqui neste local!

(Elsa comparece vestida em um hábito branco, muito simples; permanece um certo tempo por detrás da cena, depois avança muito lentamente e com grande timidez até o centro do palco onde estão as mulheres; estas, simplesmente vestidas de branco, a seguem, mas param depressa nos assentos, no limite extremo do círculo do julgamento) (O motivo que a acompanha, na orquestra, apresenta-se sob duas formas, ambas puras, misteriosas, de melodia harmonizante)

Os Homens - Vede! Ela se aproxima, ela que foi duramente acusada! Ah, como ela transparece luminosa e pura! Aquele que fez contra ela uma tão dura acusação, estará certo mesmo de sua culpa?

O Rei - És tu, Elsa de Brabant? (Elsa aquiesce com uma reverência) Reconheces-me como teu juiz! (Elsa volta o rosto para o rei, e o olha fixo com os olhos e o aceita como julgador, num gesto cheio de confiança) Então eu te pergunto, a seguir: a acusação que foi feita contra ti é de ti conhecida? (Elsa dá uma vista de olhos para Friedrich e Ortrud, comove-se subitamente, baixa tristemente a cabeça e responde afirmativamente) Que respondes tu a esta acusação? (Elsa, através de um gesto: “nada!”) Reconheces então tua falta?

Elsa - (guardando durante algum tempo uma conformação de tristeza) Meu pobre irmão!

Todos os Homens - Quão maravilhoso! Que estranho comportamento!

O Rei - Dize, Elsa! Que tens para me confidenciar?

Elsa - (olhando para ele, calmamente e transfigurada) Sozinha em agitados e tristes dias, eu implorei a Deus para aliviar a minha dor. A ele eu tenho confiado as minhas preces, na aflição, na dor mais profunda do meu coração. É em razão dos meus gemidos, tão sonoros e cheios de lamentação, que um considerável ressoar eu ouvi ampliar-se pelos ares: eu o ouvi bem longe, até que não chegou mais aos meus ouvidos; fechei meus olhos e caí em um doce sono. (Ao proferir as palavras de um sonho, as mesmas são traduzidas pela sinfonia do Graal, logo depois seguida pelo leitmotiv que caracteriza Lohengrin, cintilante numa armadura de cavaleiro, que vem em socorro da infeliz Elsa)

Todos os Homens - Quão estranho! Ela sonha! Ela delira!

O Rei - (como se quisesse tirar Elsa de sua letargia) Elsa, defende-te diante do tribunal!

(A expressão de Elsa passa do sonho ao êxtase, como se estivesse transfigurada)

Elsa - No brilho da luz de suas armas, um cavaleiro aproximou-se de mim, tão puro e de virtudes como eu nunca havia imaginado: da garupa pendia uma dourada trompa, apoiada sobre sua espada. É como se ele tivesse vindo do céu para mim, um autêntico herói; com um gesto honesto e puro ele me consolou. É esse cavaleiro que eu espero que seja meu defensor!

Todos os Homens - Que a graça dos céus esteja conosco, a fim de que vejamos claramente quem é o culpado.

O Rei - Friedrich, homem honrado, pensa bem, a quem estás acusando? **Friedrich** - O seu delírio não me engana; tu a ouviste, ela delira a respeito de um amante! Eu tenho sólida razão para fazer a acusação que eu confirmo! Eu não tenho provas concretas de seu crime, mas para ter que dissipar tuas dúvidas com uma testemunha seria realmente um grave ultraje à minha honra. Aqui eu estou, aqui está minha espada! Quem ousará, permiti, se opor à minha palavra, combatendo contra a minha honra?

Os Brabantinos - Nenhum de nós! Nós combatemos tão-só para ti! **Friedrich** - E tu, ó rei! Lembra-te como eu tenho te servido, como eu lutei em batalha contra os selvagens dinamarqueses?

O Rei - Seria uma vergonha, se eu te pedisse para me trazer à memória tais fatos! Mui prazerosamente tenho louvado as tuas grandes virtudes; sob a guarda de ninguém mais do que a tua custódia eu colocaria a salvação do país. Somente Deus deverá agora julgar a presente demanda!

Todos os Homens - Ao julgamento de Deus! Ao julgamento de Deus! Que assim seja!

O Rei - E agora eu te pergunto, Elsa de Brabant: queres tu que aqui, em combate de vida ou morte, um campeão se bata por ti no julgamento de Deus? (O julgamento de Deus é desenhado pela orquestra por um arpejo seguido de uma escala descendente. Dois toques de trombeta o proclama) **Elsa** - (sem levantar os olhos) Sim!

O Rei - A quem escolhes para ser o teu campeão?

Friedrich - Comunica-nos agora o nome do teu amante!

Os Brabantinos - Prestai atenção!

Elsa - (sempre com expressão de arrebatamento; todos os presentes a fitam com grande curiosidade) É o cavaleiro, que eu aguardo. Que ele seja meu campeão! (Sem olhar em volta) Entendi aquele que é o enviado de Deus o que eu lhe ofereço como garantia: que sobre as terras de meu pai ele porte a coroa; eu me considerarei muito feliz se ele aceitar a minha herança - se ele desejar ser meu esposo, eu lhe darei tudo o que eu tenho e sou!

Todos os Homens - (para si) Um belo preço, se Deus vier a concordar! Aquele que combata por isto, deve acarretar uma prenda importante!

O Rei - O sol já está alto no céu de meio-dia. Então, é hora de chamá-lo! (O arauto avança com os quatro trombeteiros do exército e os ordena que façam ressoar nos quatro pontos do horizonte, nos limites extremos da esfera da justiça, o pregão do rei)

O Arauto do Rei - Quem aqui em luta de Deus virá para lutar por Elsa de Brabant, que ele avance, que avance!

(Longo silêncio. Elsa, que permanece num estado de ininterrupta calma, começa a dar sinais de inquietação)

Todos os Homens - O pregão permanece sem resposta!

Friedrich - (mostrando Elsa) Duvidai ainda que eu a acusei injustamente? **Todos os Homens** - As coisas não estão indo bem para ela!

Friedrich - O bom direito fica do meu lado!

Elsa - (aproximando-se um pouco do rei) Meu querido rei, deixa eu vos pedir, ainda, um chamado ao meu cavaleiro! Ele está longe daqui; seguramente não pode ter ouvido!

O Rei - (ao arauto) - Ainda uma vez faze o pregão para o julgamento! (Sob um sinal do arauto, os trombeteiros tocam a fanfarra do Rei, dirigida aos quatro pontos do horizonte)

O Arauto do Rei - Quem em nome de Deus deseja entrar em campo de batalha por Elsa de Brabante? Venha para a frente? Venha para a frente! (Um novo longo silêncio, carregado de tensão)

Todos os Homens - Num sombrio silêncio, Deus julga!

(Elsa lança-se de joelhos em uma ardente prece. As mulheres, apreensivas por sua patroa, avançam um pouco ao primeiro plano)

Elsa - Tu levas até ele minha lamentação. Ele me apareceu sob tua ordem: Ó Senhor, dize agora ao meu cavaleiro para me ajudar em minha aflição. **As Mulheres** - (de joelhos) Senhor! Manda-o logo aqui socorrê-la! Senhor Deus! Ouve nossa prece!

Elsa - Deixa-me vê-lo, como eu já o vi; (o semblante torna-se iluminado pela alegria) como eu o vi, que ele seja agora feito presente aqui!

(Os homens acomodados sobre uma eminência, próximos da margem do rio, veem primeiro a chegada de Lohengrin, que aparece sobre o rio ao longe, dentro de uma barca puxada por um cisne. Os homens que se posicionaram mais longe do rio, em primeiro plano, voltam-se depressa, sem mudar de lugar, transparecendo uma crescente curiosidade alimentada pelo comportamento dos que estão à margem do rio; depois eles tratam de avançar para lá, a fim de verem o que se passa no local) (Ouve-se na orquestra os temas do “Cisne”, do “Graal” e do “mistério do nome”)

Os Homens - Vede! Vede! Que prodígio estranho! Como? Um cisne? Lá em baixo, um cisne puxa uma barca! Um cavaleiro está lá dentro, de pé! Como sua armadura cintila! Os olhos ofuscados ante tal claridade! Vede, rápido ele agora se aproxima! O cisne puxa a barca através de uma corrente de ouro!

(Os últimos também correm para o fundo; no primeiro plano permanecem o rei, Elsa, Friedrich, Ortrud e as mulheres. De seu lugar sobrelevado, o rei abarca tudo com o olhar; Friedrich e Ortrud ficam paralisados de assombro e de estupefação; Elsa, que ouviu com um arrebatamento crescente o clamor dos homens, permanece no centro da cena e não ousa voltar a cabeça, embora esteja ansiosa; os homens precipitam-se para junto da acusada com a mais viva emoção)

Um prodígio! Um milagre! Um milagre está ocorrendo, um prodígio extraordinário, tal como jamais se tenha imaginado! Um milagre! Um prodígio! etc.

As Mulheres - Obrigado a ti, Senhor e Deus, que protegeste a fraca mulher! **Elsa** - (revolvendo-se e dando um grito à vista de Lohengrin) Ah!

Todos os Homens e Mulheres - Nós te saudamos, homem enviado de Deus! etc.

(A barca, puxada pelo cisne, alcança a margem do rio, no último plano; Lohengrin, com uma cintilante armadura de prata, o elmo sobre a cabeça, seu escudo no ombro, uma pequena trompa dourada de lado, se mantém em pé, apoiado em sua espada. Friedrich olha Lohengrin, mudo de assombro. Ortrud, que permanecera em uma atitude fria e arrogante diante do tribunal, agora é presa de um pavor mortal à visão do cisne. Como Lohengrin faz um primeiro gesto para deixar a barca, um silêncio grave de tensão baixa instantaneamente sobre a assembleia)

Lohengrin - (voltando-se para o cisne) Agora, cabe-me agradecer-te, meu querido cisne! Retorna, pelas vastas ondas, lá para baixo, de onde me conduziste em tua barca; retorna somente para trazer-nos a felicidade! O teu dever tu fielmente o cumpriste! Adeus! Adeus, meu caro cisne!

(O cisne faz lentamente girar a barca e parte; Lohengrin o segue por algum tempo, com o olhar cheio de tristeza)

Os Homens e as Mulheres - Que doce e maravilhoso medo se apossou de nós! Que nobre poder nos tem transmitido! Como se nos apresenta belo e majestoso, aquele que um grande prodígio revelou a esta terra!

(Lohengrin deixa a margem do rio e avança lenta e solenemente até o proscênio)

Lohengrin - (inclinando-se diante do rei) Eu te saúdo, rei Henrique! Que Deus te

abençoe e guie sempre a tua espada! Grande e glorioso seja teu nome e que não se desvaneça sobre esta terra!

O Rei - Muito agradecido! Se eu reconheço bem o poder que te conduziu a esta terra, deve ter sido Deus que te enviou até nós.

Lohengrin - Fui enviado a lutar em batalha por uma mulher sobre a qual pesa uma grave acusação. Deixai-me saber se ela me reconhece como seu defensor de direito. (Ele se aproxima um pouco de Elsa) Agora, responde, Elsa de Brabant: devo ser teu campeão, queres colocar-te sob minha proteção, sem nenhuma sombra de dúvida ou medo?

Elsa - (que, depois de ter olhado fixamente Lohengrin, ficou como numa magia, inerte, firme e fascinada, como se despertada de uma letargia, com suas palavras, cai aos seus pés, transbordando de felicidade) Meu herói, meu salvador! Aceita-me; eu dou para ti tudo o que eu sou!

Lohengrin - Se eu no campo de luta por ti vencer, queres tu que eu venha a ser teu esposo?

Elsa - Assim como estou colocada aos teus pés, eu me darei a ti de corpo e alma.

Lohengrin - Elsa, se eu devo chegar a ser teu esposo, se eu devo proteger teu país e teu povo, se nada me deverá separar de ti, existe uma coisa que tens de saber e me prometer: jamais deverás perguntar, nem mesmo ter curiosidade de saber, de onde eu procedo e qual é o meu nome, ofício e origem.

Elsa - (quase fora de si) Jamais, Senhor, eu vos colocarei essas perguntas. **Lohengrin** - Elsa! Compreendeste bem o que eu te coloquei? Jamais tu deverás me perguntar, nem mesmo pela curiosidade de saber, de onde eu procedi em viagem e ainda como é meu nome e raça!

Elsa - (com o maior afeto, levantando os olhos para ele) Meu protetor! Meu anjo! Meu salvador, que crê firmemente em minha inocência! Que crime de dúvida maior poderia ocorrer se eu deixasse de esposar toda a minha fé em ti? Como és meu refúgio, na minha aflição, eu seguirei fielmente o teu comando, a tua ordem!

Lohengrin - (comovido, apertando Elsa contra seu peito) Elsa! Eu te amo! (Todos os dois ficam por um momento aconchegados)

Os Homens e as Mulheres - Que nobre prodígio devo eu testemunhar? Estarei sob o efeito de um mágico sortilégio? Sinto o coração palpitar à vista deste homem sublime e radiante!

Lohengrin - (conduz Elsa até o rei e a confia à sua proteção; depois, avança solene-

mente até o centro do círculo) Ó presentes, ouvi! A vós, povo e nobres, eu digo: Elsa de Brabant é exemplo de toda inocência! Tua acusação, Conde de Telramund, é falsa, e eu demonstrarei isto através do julgamento de Deus!

Os Nobres Brabantinos - (primeiro, alguns, depois, todos os outros, secretamente a Friedrich) Renuncia ao combate! Se tu te arriscares, jamais poderás viver! Ele está amparado pelo poder divino; diz-nos de que te servirá tua valente espada? Desiste! Este é um sincero conselho! A derrota, o amargo remorso te espera!

Friedrich - (que até agora não tirava os olhos fixados em Lohengrin, sofrendo uma indecisão interior, hesita incontinentemente, derrotado; depois, decide enfim) Melhor morrer do que me acovardar! Qualquer que seja o prodígio que te guiou até aqui, estrangeiro, que aparece tão audacioso diante de mim, sabe que a tua arrogância não me impressiona, porque jamais eu pensei em mentir. Eu aceito o combate contra ti e espero que a justiça divina me dê a vitória!

Lohengrin - Então, ó rei, ordena nossa luta!

(Todos retornam aos seus primitivos lugares)

O Rei - Avançai, então, três cavaleiros para cada combatente e demarcai bem o círculo para o combate!

(Três nobres saxões avançam até Lohengrin; três brabantinos, até Friedrich; eles demarcam solenemente o lugar do combate e fixam os limites, fechando um círculo completo, com suas lanças)

O Arauto do Rei - (no centro do círculo) Escutai-me e prestai atenção: ninguém deve se intrometer na luta! Ninguém penetre no espaço demarcado, porque, quem não respeitar a lei da paz, se for um homem livre, perderá a mão; se for um servo, perderá a cabeça!

Todos os Homens - Se for um homem livre, perderá sua mão; se for um servo, perderá sua cabeça!

O Arauto - (a Lohengrin e a Friedrich) Escutai, também, vós que combateis diante do tribunal! Respeitai fielmente as leis do combate! Procurai não falsificar a sentença, pela fraude vil ou pelo embuste! Deus vos julgará como lhe convém; tende confiança nele, não em vossa força!

Lohengrin e Friedrich - (que se posicionaram em cada lado do círculo) Deus me julgará como lhe convém; eu terei confiança nele e não em minha força!

O Rei - (avançando muito solenemente para o centro) Meu Senhor e Deus, eu te faço uma invocação (todos baixam a cabeça e se recolhem em grande devoção) para que estejas presente neste combate! Proclama a tua sentença com a vitória da espada, mostrando claramente onde está a mentira e onde está a verdade! Faze com que aquele que for inocente bata-se com a arma do herói, e possa o que agir com falsidade ser castigado! Ajuda-nos, então, meu Deus, neste instante, porque nossa sabedoria é falível!

Elsa e Lohengrin - Pronuncia agora tua santa justiça, meu Senhor e Deus, que eu não tenha medo, etc.

Ortrud - Eu tenho esperança em sua força, que em todos os seus combates lhe deu a vitória, etc.

Friedrich - Eu ponho toda confiança em tua determinação! Senhor Deus, não abandones a minha honra!

O Rei - Meu Senhor e Deus, eu te suplico! etc. Pronuncia diante dos presentes a tua sentença! Meu Senhor e Deus, não hesites!

O Arauto do Rei e todos os Homens - Faze com que aquele que for inocente bata-se com a arma de herói, etc. Pronuncia agora aos presentes a tua sentença, Senhor e Deus, não hesites!

As Mulheres - Abençoai-o, bendito Senhor! Abençoai-o!

(Todos retornam aos seus lugares e prestam profunda atenção. As seis testemunhas do combate permanecem ao lado de suas lanças ao pé do círculo; os outros homens acomodam-se todos ao redor, um pouco mais longe. Elsa e as mulheres ficam no primeiro plano sob o carvalho, perto do rei. Sob um sinal do Arauto, os sineiros lançam o chamado ao combate: Lohengrin e Friedrich finalizam a sua preparação. O rei desembainha a sua espada e bate três vezes no escudo pendurado no carvalho. No primeiro golpe, Lohengrin e Friedrich colocam-se em posição de combate; no segundo, tiram as espadas e se inclinam; e no terceiro, começam o combate. Lohengrin ataca primeiro. Após várias trocas de impetuosos assaltos, ele estende seu adversário ao chão, depois de um grande golpe. Friedrich tenta se erguer, recua sem forças cambaleando e desaba ao solo. Após a queda de Friedrich, **os saxões e os turíngios** retiram suas espadas da terra; os brabantinos tornam a levantar as suas.)

Lohengrin - (colocando a ponta de sua espada na garganta de Friedrich) Pela vitória divina, tua vida agora me pertence! (o abandona) Vai-te concedo a vida, a fim de que a consagres agora ao arrependimento!

(O rei retira seu escudo do carvalho. Todos os homens recolocam suas espadas na bainha. As testemunhas retiram suas lanças do solo. Todos os nobres e os homens rompem com alegria o círculo do combate, se bem que este aqui já está completamente invadido pela multidão)

Todos os Homens e Mulheres - Vitória! Vitória! Vitória! Glória! Glória a ti! Glória!

O Rei - (colocando igualmente sua espada na bainha) Vitória! Vitória!

Elsa - Oh! Eu reencontrei a alegria, igualmente a tua glória, que eu seja digna de ti, no mais abundante louvor. Em ti eu devo deixar de ser eu; diante de ti eu me faço esquecer, porque eu sou afortunada, torna então tudo que eu sou!

(O rei conduz Elsa até Lohengrin; ela cai em seus braços)

O Rei e os Homens - Ressoa o canto da vitória, para os maiores louvores dos heróis! Glória à tua vinda! Glória à tua raça, protetor dos inocentes! Tu defendeste os direitos dos inocentes! Glória seja dada à tua vinda, glória à tua raça! Nós cantamos louvores somente a ti, para ti ressoem nossos cantos! jamais um herói tão grande como tu retornará a estas plagas!

Ortrud - (que assistiu furiosamente à queda de Friedrich, com o olhar sombrio fixado sobre Lohengrin) Quem é esse forasteiro que o bateu, que torna nulos meus poderes mágicos?

O Rei - Louvores sejam dados à tua vinda! Glória à tua raça!

Lohengrin - (levantando Elsa em seu peito) Eu obtive a vitória somente graças à tua pureza, agora deves por tudo o que sofreste ser ricamente recompensada! ..etc.

As Mulheres - Onde encontraria eu palavras de júbilo que fizessem jus à glória dele, que soassem dignas dele, ricas dos maiores encômios! Tu a defendeste, etc.

Todos os Homens - Tu a defendeste, etc.

Elsa - Oh, se somente eu encontrasse as palavras de júbilo.

O Rei - Louvores à tua vinda, etc.

Ortrud - Quem é ele, aquele que o bateu. .etc. Deverei perder a coragem diante dele, são vãs todas as minhas esperanças? etc.

Friedrich - (rolando-se dolorosamente sobre o chão) Desgraça, Deus me venceu, por ele eu fui batido! Eu não posso mais esperar a salvação, minha glória, minha honra não existem mais! etc. (Friedrich tomba desvanecido aos pés de Ortrud. Alguns jovens levantam Lohengrin sobre seu escudo, logo que os brabantinos instalam Elsa sobre o escudo do rei, enquanto que vários homens estendem no chão seus mantos; os dois são conduzidos assim em triunfo e com muito júbilo) (O ato termina por um conjunto majestoso, cujos elementos são fornecidos pelo tema de Lohengrin)

Fim do Primeiro Ato

Segundo Ato

Desenrola-se, o segundo ato, no castelo da Antuérpia. Friedrich von Telramund censura Ortrud, acusando-a de sua desgraça. Ortrud assegura-lhe que todo o poder de Lohengrin desaparecerá no momento em que Elsa perguntar-lhe qual o seu nome. Decidida, ela procura Elsa e com hipocrisia, humildemente pede-lhe clemência. Quando Elsa desaparece, Ortrud invoca os deuses pagãos, e ao reaparecimento de Elsa, na escadaria, prosta-se aos seus pés e, gradualmente, a envenena com palavras, comentando sombriamente sobre a origem de Lohengrin. O arauto anuncia o banimento de Friedrich von Telramund e comunica que o enviado de Deus deseja tomar o título não de duque, mas de “Protetor de Brabant”. Anuncia que hoje haverá a celebração do casamento entre Lohengrin e Elsa e que, amanhã, ele conduzirá o exército de Brabant para a batalha. Quando surge o cortejo do casamento, é o mesmo interrompido por duas vezes, primeiramente por Ortrud e, em seguida, por Friedrich, que acusam veementemente Lohengrin de bruxaria, exigindo que ele revele o seu nome, mas Lohengrin não lhes dá atenção. Ao público revela que nenhum rei ou príncipe poderá obrigá-lo a enunciar o próprio nome, senão Elsa. Voltando-se para sua noiva, ele constata que ela está agitada. Quando os noivos chegam ao portão da catedral, Elsa olha para baixo e vê Ortrud erguer o braço em triunfo.

Instruções de Wagner: No castelo da Antuérpia. Ao centro, no último plano do palácio, a habitação dos cavaleiros; à esquerda, no primeiro plano, a Kemenate (o apartamento das mulheres); à direita, no primeiro plano, a entrada da catedral; à direita também, por último, o portão da torre. E noite. As janelas do palácio estão muito claras, iluminadas; do palácio provém uma exultante música; trompas e tambores ressoam festiva e alegremente.

(Sobre os degraus da entrada da catedral, estão sentados Friedrich e Ortrud, os dois vestidos de escuro, com roupas de maltrapilho. Ortrud, os braços apoiados sobre os joelhos, não retira os olhos das janelas iluminadas do palácio; Friedrich olha sombriamente para o chão)

Friedrich - (levantando-se rapidamente) Levanta-te, companheira da minha vergonha! O raiar do dia não nos deve encontrar aqui.

Ortrud - (sem mudar de posição) Eu não posso sair daqui, ficar ausente, porque qualquer coisa me retém. Do esplendor da festa de nossos inimigos, deixa-me beber uma terrível poção mortal, que colocará um fim à nossa vergonha e à sua alegria!

Friedrich - (passando sombriamente diante de Ortrud) Tu, mulher infernal, dize-me que coisa ainda me mantém ligado ao teu destino? Por que eu não te abandono e corro a caminho, a caminho para bem longe onde minha consciência possa de novo encontrar a paz! Através de ti eu perdi toda minha honra, toda minha glória; nunca mais terei

glória, nem honra, nem receberei elogios e louvores. A vergonha encobriu meus títulos de herói! Tenho sido posto no exílio e no desterro; minha espada está em pedaços, meu brasão e minhas armas despedaçados; maldita é a casa de meu pai! Para qualquer lugar que eu me dirija, serei desonrado e desprezado, como um proscrito; para não serem infamados com a proximidade de meu aspecto, até o ladrão e o bandido fogem de mim! Através de ti eu perdi toda minha honra, minha honra, etc. Oh, se somente eu tivesse escolhido a morte! Assim, só tenho desgraça e desdita! Minha honra eu perdi, minha honra, minha honra está perdida! (ele atira-se ao chão, subjugado pela dor. Ouve-se, ainda, a música que vem do palácio)

Ortrud – (sempre sem mudar de posição, enquanto Friedrich se levanta) Que é isso que te faz soçobrar com tais lamentações?

Friedrich - Que a mim as próprias armas foram roubadas (com um gesto violento, ao encontro de Ortrud) com as quais eu poderia te abater.

Ortrud - Friedrich, Conde de Telramund, o amante da paz! Por que não confias em mim?

Friedrich - Tu perguntas? Não foi teu testemunho, tua palavra dada, que me convenceram de acusar a pura jovem inocente? Não mentiste para mim, dizendo que do teu selvagem castelo, com teus próprios olhos, viste o delito ser cometido, na sombria floresta, ou seja, como a própria Elsa afogou o irmão lá no lago? Não enganaste meu coração, que em ti confiou, profetizando que a melhor linhagem dos príncipes Ratbolds em pouco tempo renasceria e reinaria sobre Brabant? Não foste tu que me induziste a renunciar à mão de Elsa, a pura, para te desposar, porque eras a última descendente dos Ratbolds?

Ortrud - (docemente, mas furiosa) Ah, como me ofendes mortalmente! (alto) Aqueles todos, sim, eu já te disse e te provei isso!

Friedrich - E o que fizeste de mim, um nome que era honrado, uma vida que era levada no mais alto preço, o vil cúmplice de tua infame mentira? **Ortrud** - Quem mentiu?

Friedrich - Tu! E eu não fui julgado e punido, por isso, pela justiça de Deus?

Ortrud - Deus?

Friedrich - Que horror! Com que terrível maneira tua boca pronuncia o seu santo nome!

Ortrud - Ah! Chamas tu a tua covardia de Deus?

Friedrich - Ortrud!

Ortrud - Queres ameaçar-me? Ameaçar a mim, uma mulher? Oh, covarde! Tivesses tu ameaçado com ferocidade teu rival, que te mandou na desgraça para o exílio, terias obtido a vitória e não a vergonha! Ah, quem soubesse escapar de suas estocadas e arremetesse com fúria veria que ele é tão fraco como uma criança!

Friedrich - Nunca ele será o mais fraco, pois a força de Deus o fortalece no combate!

Ortrud - A força de Deus? Ah, ah! Dá-me o poder e eu bem te mostraria quão débil é aquele a quem Deus o protege!

Friedrich - (estremecendo de medo) Tu, selvagem feiticeira, como queres então secretamente seduzir-me o espírito de novo?

Ortrud - (mostrando o palácio, no qual as luzes já estão apagadas) Os regalados se entregam ao seu voluptuosos repouso. Assenta-te ao meu lado! A hora de te instruir está chegando, os meus olhos profetizam (durante o seguinte discurso, Friedrich se aproxima mais e mais de Ortrud, como se misteriosamente dominado por ela, e a escuta com atenção) Sabes tu quem é aquele herói cavaleiro, o qual um cisne trouxe a este país?

Friedrich - Não!

Ortrud - Que darias então para chegar a saber isto que te digo: se ele for obrigado a dizer seu nome e origem, perderá toda a força que lhe garante um poder mágico!

Friedrich - Ah, agora eu entendo sua proibição!

Ortrud - Então, ouve! Ninguém aqui tem poder para lhe arrancar seu segredo senão aquela a quem ele proibiu firmemente de lhe fazer a pergunta.

Friedrich - Trata-se, então, de Elsa; ela está proibida de lhe opor a pergunta.

Ortrud - Ah, como compreendes a questão bem e rápido!

Friedrich - Mas como se poderá obrigá-la a isso?

Ortrud - Ouve! O mais importante é não se fugir deste lugar; aguça, então, a tua astúcia, para nela despertar uma justa suspeita. Dá um passo à frente e acusa-a de magia, e de haver também enganado o tribunal!

Friedrich - Ah! Fraude e astúcia mágica!

Ortrud - Se isto fracassar, haverá sempre a possibilidade de se usar a força! **Friedrich** - A força?

Ortrud - Não foi por nada que eu adquiri uma grande experiência nas artes secretas;

presta grande atenção a isto que te digo! Aquele que deve sua força a um poder mágico, se dele se subtrair a mínima parte de seu corpo, ficará instantaneamente impotente, tal qual era antes.

Friedrich - Ah, se falasses a verdade!

Ortrud - Ó, se somente tivesses, em combate, dele cortado um dedo, sim até uma articulação de um dedo, o herói - ele estaria em teu poder! **Friedrich** - Isto é terrível! Ah, que coisas me fazes ouvir! Eu me julgo vencido por Deus: para ti o julgamento teria sido violado pelo embuste, eu perdi minha honra pela astúcia da magia? Mas eu poderia vingar minha vergonha e provar minha honestidade? O embuste do amante, eu o poderia quebrar e ganhar de novo minha honra? Ó mulher, que eu vejo diante de mim de noite, se tu me enganares uma vez mais, então desgraça para ti! **Ortrud** - Ah, como tu te precipitas! Sê calmo e prudente! Eu te ensinarei o doce prazer da vingança!

(Friedrich assenta-se ao lado de Ortrud, nos degraus da escada)

Ortrud e Friedrich - Eu a chamo a obra da vingança da noite tempestuosa de meu coração! Vós que estais perdidos em um doce sono, sabeis que a desventura vos espera!

(Elsa vestida de branco aparece sobre o terraço; ela vem até o parapeito) **Elsa** - A vós, brisas, que tão frequentemente vos inteirastes de meus tristes lamentos, eu vos devo agora agradecer, dizendo como se revela a minha felicidade!

Ortrud - É ela!

Friedrich - Elsa!

Elsa - Através de vós, ele foi conduzido para cá; vós alegrastes a viagem, ondas selvagens, vós o protegistes fielmente.

Ortrud - Ela deverá amaldiçoar a hora na qual eu contemplo sua face.

Elsa - Para secar minhas lágrimas, eu frequentemente vos implorei; refrescai agora meu rosto, que arde de amor.

Ortrud - (a Friedrich) Vai-te! Abandona este lugar por algum tempo. **Friedrich** - Por quê?

Ortrud - Essa ali é para mim - o seu herói é o que te pertence! (Friedrich se move e desaparece no fundo da cena)

Elsa - Refrescai agora meu rosto, que arde de amor! De amor!

Ortrud - (na mesma posição) Elsa!

Elsa - Quem me chama? Como triste e horroroso ressoa meu nome através da escuridão!

Ortrud - Elsa! É minha voz tão estranha para ti? Queres olvidar completamente a pobre criatura, a quem condenaste à mais completa desgraça?

Elsa - Ortrud, és tu? O que fazes aqui, infeliz mulher?

Ortrud - “Desafortunada mulher”! Tens completa razão de me chamares assim! Na distante solidão da floresta, onde eu vivia calmamente em paz, que poderia fazer por ti? O que poderia fazer por ti? Sem amigos, apenas lamentando o infortúnio que pesa há longo tempo sobre minha estirpe, que poderia eu fazer por ti?

Elsa - Meu Deus, de que me acusas? Fui eu, por acaso, quem te levou ao sofrimento?

Ortrud - Como pudeste deveras invejar a minha felicidade, quando escolhi para esposo o homem que tu tão voluntariamente desprezaste?

Elsa - Deus clemente, que significa isso?

Ortrud - Deveria a ilusão enganá-lo fatalmente, para te acusar de um crime, a ti tão pura. Seu coração está presentemente lacerado de remorso, e ele está condenado a uma triste penitência.

Elsa - Justo Deus!

Ortrud - Oh, tu estás feliz! Após curto tempo de sofrimento, mitigado pela tua inocência, agora poderás ver a vida te sorrir; podes alegremente e com delícias separar-te de mim, enviando-me ao encontro da morte, a fim de que a sombra sem iluminação da minha miséria não venha jamais empanar tuas festas!

Elsa - Como eu seria indigna de tua bondade, Deus todo poderoso, que me tornaste feliz, se eu repelisse para longe o infortúnio que na miséria se curva diante de mim! Nunca! Ortrud! Atende-me! Eu te farei eu mesma entrar na minha casa!

(Ela entra de novo na Kemenate (quarto para mulheres, na idade-média)) **Ortrud** - (pulando, em um selvagem entusiasmo) Deuses profanos! Ajudai no presente minha vingança! Puni a vergonha que vos foi feita! Concedei-me força para estar ao serviço de vossa santa causa! Destruí a desprezível estultice desses que vos são renegados!

Wotan! Eu te invoco, ó potente deus! Fréia! Sublime deusa, ouve-me! Abençoa minha burla e minha hipocrisia, a fim de que eu obtenha sucesso em minha vingança!

Elsa - (ainda nos bastidores) Ortrud, onde estás?

(Elsa e duas criadas portando lamparinas saem pela porta inferior da Kemenate)

Ortrud - (prostando-se submissa aos pés de Elsa) Aqui, a teus pés!

Elsa - (recuando, horrorizada, ao ver Ortrud) Santo Deus! Assim devo te avistar, a ti a quem eu só vi na arrogância e na luxúria! O meu coração fica sufocado em ver-te prostrada diante de mim! Levanta-te! Poupa-me de tuas súplicas! Se não me tens mais ódio, eu te perdoo! Se foi por minha culpa que deveste sofrer, eu te peço, perdoa-me também!

Ortrud - Sou-te grata por tanta bondade!

Elsa - Àquele que amanhã será chamado meu esposo, implorarei à sua generosa alma para que conceda também sua graça a Friedrich.

Ortrud - Tu me atas a ti pelo vínculo do reconhecimento!

Elsa - Ao amanhecer, deixa-me ver-te já pronta, portando rico vestido, e tu me acompanharás à catedral: lá em baixo, aguardarei meu herói para tornar-me, diante de Deus, sua esposa! Sua esposa!

Ortrud - Como poderei pagar-te por tal benevolência? Eu que sou impotente e miserável? Se eu devo viver junto de ti pela tua graça, me mantereis sempre na pobreza! (Aproximando-se sempre mais de Elsa) Uma força só ainda me resta, que nenhuma lei me tenha tirado; é por meio dela que eu desejo salvar-te a vida e proteger-te da aflição do arrependimento!

Elsa - Que queres dizer com isso?

Ortrud - Deixa-me prevenir-te para não ficares cegamente confiada na tua felicidade; que uma desgraça não te enrede, deixa-me contemplar o teu futuro! **Elsa** - Qual desgraça?

Ortrud - Se somente tu poderás conhecer a origem estranha desse homem, que ele nunca possa abandonar-te da forma como ele veio até ti - ou seja, por meio da magia!

Elsa - (tomada de um sentimento de horror, afastando-se indignada; mas, cheia de tristeza e piedade, vira-se novamente, em seguida, para Ortrud) Pobre mulher, tu não podes entender como um coração é capaz de amar sem abrigar dúvidas? Nunca conheste a felicidade que somente a fé pode nos dar? Hospeda-te comigo hoje! Deixa-me ensinar-te quão doce é a felicidade decorrente da pura confiança! Deixa-te livremente convencer-te dela: é uma felicidade que não conhece o remorso!

Ortrud - (para si) Ah! Esse orgulho deve me ajudar em como combater sua fé! Contra essa soberba dirigirei minha arma, através de sua arrogância virá seu remorso. Etc.

(Ortrud entra acompanhando Elsa, hesitando hipocritamente, pela pequena porta; as criadas iluminam o caminho e fecham a porta uma vez todas já dentro da Kemenate. O dia começa a raiar)

Friedrich - (emergindo de trás) Assim penetra a desventura nessa Casa! Executa, mulher, o que a tua astúcia idealizou; eu não me sinto capaz de impedir a tua obra! A desgraça começou com a minha caída e ruína, agora, ela fará cair quem me ocasionou esta situação! Somente uma coisa agora conta para mim: aquele que arrebatou a minha honra deve perecer!

(Após ter percebido um lugar para poder dissimular-se do olhar da multidão, ele se esconde atrás de uma saliência do muro da catedral)

(O dia amanhece pouco a pouco; dois guardas soam o despertar do alto da torre; de uma longínqua outra torre ouve-se a resposta)

(Enquanto os guardas da torre descem e fecham a porta, os criados domésticos aparecem de várias direções do castelo, saúdam-se mutuamente e, calmamente, vão para seus lugares de trabalho, etc. Alguns vão buscar água na fonte e a colocam nos recipientes de metal e batem à porta do Palácio, na qual entram)

(O portão do palácio abre-se de novo, os quatro trombeteiros do rei pedem para reentrar no palácio. Os empregados vão deixando a cena)

(Do pátio do Castelo e pela porta da torre chegam agora, sempre mais numerosos, os nobres brabantinos e os vassalos, reunindo-se diante da catedral; eles se saúdam com agitação e alegria)

Os Nobres e os Vassalos - À fanfarra do amanhecer nos congrega de novo, e o dia nos promete muito! Aquele que aqui fez a respeito de si nobres prodígios executará talvez novas ações! A fanfarra do amanhecer nos congrega de novo, etc.

(O arauto do rei avança para fora do palácio, firmando-se sobre uma eminência que se encontra diante da porta principal; precedendo-o os quatro trombeteiros. A fanfarra real é emitida de novo e todos se voltam com viva curiosidade para o fundo da cena.)

O Aauto - Eu vos proclamo a palavra e a vontade do rei: prestai então atenção ao que vos digo de viva voz! Friedrich von Telramund está banido e proscrito, porque, mentindo, ousou afrontar o juízo de Deus. Quem cultivar ainda amizade com ele, quem com ele se juntar, sofrerá a mesma sorte, segundo a lei do reino.

Os Homens - Maldito seja o infiel, que foi castigado pelo julgamento de Deus! Que todo homem deva evitá-lo, que dele fujam a paz e o sono. Maldito seja o pérfido!

(A fanfarra dos trombeteiros, o povo se reúne rapidamente de novo para prestar viva atenção às proclamações solenes)

O Arauto - O rei vos anuncia, ainda, que ele investe o estrangeiro, enviado de Deus e que Elsa deseja tornar como esposo, na posse da terra e da coroa de Brabant. Mas o herói não deseja ser chamado de duque - vós o deveis chamar: “O Protetor de Brabant”.

Os Homens - Viva o tão ansiado homem! Glória a ele, ao enviado de Deus! Nós seremos fiéis servidores do Protetor de Brabant! Longa vida ao homem tão esperado, etc. Glória! Glória ao protetor de Brabant!

(Novas fanfarras dos trombeteiros)

O Arauto - Escutai agora o que por meio de mim ele vos proclama: hoje ele festejará convosco suas bodas, sua festa matrimonial; mas amanhã deveis vir armados para combate, para o seguir a serviço do rei. Ele mesmo desprezou entregar-se a um doce repouso e vos conduzirá à sublime ventura da glória!

(Ele entra no palácio com os quatro trombeteiros)

Os Homens - Não hesitai em ir à guerra, pois o nobre herói vos guiará! Aquele que corajosamente combater ao lado dele, a glória lhe sorrirá! Avante! Vinde todos ao combate sob a direção do nobre herói! Deus o enviou para a grandeza de Brabant! Ele foi enviado por Deus para a grandeza de Brabant! Aquele que combater corajosamente ao lado dele, etc. Ele foi enviado por Deus!

(Enquanto a multidão se agita ruidosamente, quatro nobres, antigos vassalos de Friedrich, aparecem juntos no primeiro plano)

O Terceiro Nobre - Agora escutai, ele quer arrebanhar nosso país!

O Segundo Nobre - Contra um inimigo que jamais nos ameaçou?

O Quarto Nobre - Ele não tem o direito de começar com tanta audácia!

O Primeiro Nobre - Quem se oporá a ele, quando tiver ordenado a partida? **Friedrich** - (que veio no meio deles sem se dar a perceber) Eu! (ele se mostra)

Os Quatro Nobres - (retirando-se com assombro) Ah! Quem és tu? - Friedrich!

Os Quatro Nobres - Vede-o bem?

Os Primeiro, Segundo e Terceiro Nobres - Tu ousas vir aqui, quando és para qualquer um uma presa?

O Quarto Nobre - Tu ousas vir aqui?

Friedrich - E logo ousarei ir bem mais longe, diante de vossos olhos será revelado luminoso o dia! Aquele que vos destina com tanta audácia ao combate, eu acusarei de fraude para com Deus!

O Quarto Nobre - Que coisa eu ouço! Raivoso! Qual é a tua intenção? Desgraça para ti! Tu estás perdido, se o povo te descobrir!

(Eles o fazem retornar para o esconderijo junto à catedral, onde tentam ocultá-lo dos olhos do povo)

(Quatro criadas saem da porta da Kamenate sobre o terraço, correm alegremente para baixo pelo caminho principal e se posicionam em frente do Palácio, na elevação. O povo, que viu as jovens criadas, avança espremendo-se para a frente da cena)

As Criadas - Façam lugar! Lugar para Elsa, nossa dama: ela deseja ir bem piedosamente para a catedral.

(Elas avançam, abrindo uma ampla passagem através do recuo voluntário dos nobres, até os degraus da catedral, onde ocupam sua posição. Quatro outras criadas saem lenta e solenemente da Kamenate sobre o terraço e se colocam lá para acompanhar o cortejo das mulheres, a quem esperam) (Um longo cortejo de mulheres com suntuosos vestidos sai lentamente da Kamenate, sobre o terraço; volta-se para a esquerda, passa diante do Palácio e, de lá, avança de novo até a frente da catedral, e sobre os degraus se colocam as primeiras que chegam)

Os Nobres e os Vassallos - (durante o desfile do cortejo) Abençoada sejas tu que passas, que sofreste um longo tempo de humilhações. Que Deus possa guiar-te, que Deus te acompanhe nos teus passos! Que Deus possa guiar-te! Que Deus te acompanhe nos teus passos!

(Os nobres que, involuntariamente, tinham fechado a passagem no beco, recuam de novo diante das jovens acompanhantes que abrem o caminho do cortejo, este já agora tendo chegado diante do Palácio. Elsa, suntuosamente vestida, integra-se ao cortejo e chega ao patamar elevado sobre degraus exteriores em frente ao Palácio. A passagem é de novo aberta e todos podem vê-la, e Elsa demora-se um pouco)

Como um anjo ela se aproxima, inflamada de um casto fervor!

(Elsa avança lentamente, dirigindo-se à passagem estreita guarnecida pelos homens)

Glória a ti, ó mulher plena de virtude! Glória a ti, Elsa de Brabant! Abençoada sejas tu que passas! Glória a ti, etc.

As Mulheres - Glória a ti, etc.

(Além das jovens acompanhantes, também chegam às escadarias da catedral as mulheres mais à frente, onde se posicionam em fila, para deixar Elsa entrar em primeiro lugar na igreja; entre as mulheres do séquito, que ainda caminham fechando o cortejo, encontra-se Ortrud, por sua vez também ricamente vestida. As mulheres que marcham vizinhas a ela demonstram uma certa hesitação e não escondem sua indignação, mantendo uma certa distância a fim de que ela apareça isolada do grupo. Quando Elsa se posiciona no meio das aclamações do povo e coloca o pé no primeiro degrau da escadaria da catedral, Ortrud precipita-se até ela, colocando-se como barreira bem à frente, forçando-a assim a recuar)

Ortrud - Para trás, Elsa! Eu não suportarei, por mais tempo, seguir-te como uma criada! Tu deves dar-me a precedência e inclinar-te diante de mim, com humildade!

As Jovens Acompanhantes e os Homens - Que deseja essa mulher intrometida? Fora daí! (Eles empurram Ortrud para o meio da cena)

Elsa - Meu Deus! Que devo eu ver e ouvir? Que súbita mudança de comportamento aconteceu contigo?

Ortrud - Porque por uma hora eu esqueci o meu valor; acreditas mesmo que eu deveria sempre rastejar diante de ti? Em tenho em boa conta a intenção de vingar o meu sofrimento, o que é justo para mim por direito eu agora reclamo!

(Vivo espanto e agitação em todos os presentes)

Elsa - Ó mágoa de haver-me deixado enganar por tua hipocrisia, quando na noite passada vieste até mim humilde e gemente! Como queres tu agora, por orgulho, preceder-me, tu, a esposa de um homem banido e condenado por Deus?

Ortrud -(profundamente raivosa) Se meu esposo foi banido em um falso julgamento, seu nome era inegavelmente aqui altamente respeitado; atribuíam a ele as mais altas honrarias, sua valente espada era conhecida e temida. O teu esposo, dize, quem poderia aqui dizer que o conhece e às suas virtudes, se nem tu mesma podes dizer o seu nome!

Os Homens - O que ela diz? Ah, o que ela anuncia?

As Mulheres e as Jovens - Ela blasfema!

Os Homens - Silenciem sua boca!

Ortrud - Podes tu nomeá-lo, podes tu nos dizer, se sua raça e se sua nobreza estão bem provadas? De onde as águas o trouxeram para ti, quando ele te abandonar de novo, para onde ele irá? Ah, não! Para proceder assim ele te causaria uma grande angústia - estas coisas o astuto cavaleiro proibiu de lhe serem questionadas.

Os Homens, as Mulheres e as Jovens - Ah, ela disse a verdade? Que tremenda acusação! Ela o injúria! Ela teria o direito de ousar tanto?

Elsa - (depois do choque inicial, recompondo-se) Tu, difamadora! Mulher covarde! Ouve, se eu me atrevo a te dar uma resposta! Tão pura e nobre é a essência dele, tão pleno de virtudes é o excelso homem, que jamais deverá convalescer de desgraça. A quem seria permitido duvidar de sua missão!

Os Homens - É verdade! É verdade!

Elsa - Não foi meu caro herói que com a graça de Deus bateu teu esposo em batalha?

(Para o povo)

Agora digam todos os que aqui estão presente, qual dos dois combatentes é inocente?

Os Homens - Somente ele! Somente ele!

As Mulheres e as Jovens Acompanhantes - Teu herói somente! **Ortrud** - Ah, a pureza do teu herói, como seria tão logo turvada, se ele devesse revelar o encantamento que lhe deu um tal poder! Se não ousares lhe perguntar, nós todos creremos com razão que tu mesma deverias ter de crer, mas atormentada pela inquietação da dúvida!

As Mulheres - (sustentando Elsa) Protege-te do ódio dessa infame!

(As portas do palácio se abrem, os quatro trombeteiros do rei emergem e tocam a fanfarra do rei)

Os Homens - (olhando para trás) Façam caminho, façam espaço! O rei se aproxima!

(O rei, Lohengrin e os condes e nobres saxões emergem do palácio com grande cerimônia; o cortejo é interrompido pela confusão que reina no proscênio)

Os Brabantes - Salve! Salve o Rei!

(O rei e Lohengrin forçam seu caminho dobrando de lado onde estão os desordeiros e avançam rapidamente para o proscênio)

O Rei - Qual o motivo desse distúrbio?

Elsa - (cheia de agitação, agarra-se aos braços de Lohengrin)

Meu Senhor! Meu Mestre!

Lohengrin - O que acontece?

O Rei - Quem ousou aqui fazer distúrbio no caminho da igreja?

A Comitiva do Rei - Que distúrbio é esse que nós ouvimos?

Lohengrin - (percebendo a presença de Ortrud) Que vejo! Essa funesta mulher acompanhando-te oficialmente!

Elsa - Meu salvador! Protege-me dessa mulher! Repreende-me se eu te desobedeci! Eu a vi lamentando-se, gemendo diante desta porta, eu a livre de sua miséria e aflição, convidando-a a vir até mim. E agora vejo com que terrível maneira ela recompensou a minha gentileza: ela me critica de ter em demasia confiado em ti!

Lohengrin - (levantando um olhar fixo e minucioso sobre Ortrud, que fica incapaz de falar diante dele) Tu, medonha mulher, sai deste lugar! Tu nunca mais serás vitoriosa aqui! (ele volta-se docemente para Elsa) Dize-me, Elsa, ela dirigiu veneno ao teu coração? (Elsa, em lágrimas, abriga seu rosto contra o peito de Lohengrin. Este lhe segura a cabeça e indica a catedral) Vem, que lá em alegria essas lágrimas correrão! (Ele se volta, e, com Elsa e o rei à frente do cortejo, vai para a catedral; todos os seguem em ordem) Friedrich (aparece sobre os degraus da catedral; as mulheres e as jovens acompanhantes, logo que o reconhecem, desviam-se dele horrorizadas)

O Rei - O que deseja ele aqui?

Os Homens - O que deseja ele aqui? Homem maldito! Para longe daqui! **Friedrich** - Ó, escutai-me!

Os Homens - A caminho! Para trás!

O Rei - Para trás! Abandona este lugar!

Os Homens - Ou seguramente morrerás!

Friedrich - Escutai-me, vós que me haveis falsamente injustiçado!

O Rei - Vamos, fora daqui!

Os Homens - Vamos, fora daqui! Abandona este lugar!

Friedrich - O julgamento de Deus foi desonesto, falso! Pela astúcia da magia vos men-

tiram!

O Rei - Peguem o infame!

Os Homens, Mulheres e Rapazes - Peguem o infame! Ouvistes? Ele injuriou Deus!

(Eles se precipitam de todos os lados sobre Friedrich)

Friedrich - (fazendo imenso esforço para ser entendido, seu olhar fixado sobre Lohengrin e não prestando atenção a estes que fazem guarda a Lohengrin) Aquele que eu vejo no esplendor diante de mim eu o acuso de magia negra! (Os que o assaltaram recuam para entendê-lo e prestam enfim atenção ao que ele diz) Gomo pó diante do sopro de Deus, se dispersará a força que ele obteve pela astúcia! Como haveis velado mal o julgamento que me roubou a honra, nele economizou-se uma questão aos que iam se bater diante de Deus! Não impedi, naquele momento, mas agora permiti-me de colocar a questão a ele, eu mesmo: (com uma atitude dominadora) face ao mundo inteiro, eu pergunto alto e forte quais são seu nome, sua raça e seus títulos!

(Uma viva emoção toma conta do povo) Quem é esse que veio a estas terras puxado sobre as águas por um cisne selvagem? Quem se serve de tais animais mágicos, a sua pureza eu a considero enganosa! Agora, que ele responda a esta acusação; se ele puder, então eu recebi uma justa punição - mas, se ele não puder, vocês verão que sua inocência será bem difícil de se provar! (Todos olham para Lohengrin, consternados e plenos de espanto)

Os Homens, o Rei, as Mulheres e os Rapazes - Que dura acusação! O que responderá ele?

Lohengrin - Não a ti, que por certo perdeste a honra, eu devo aqui dar a devida resposta! Eu posso até defender-me e reprimir a dúvida do malicioso, mas, mesmo assim, a minha pureza diante dele não desaparecerá jamais!

Friedrich - Se ele não me julga digno, eu te apelo, ó rei, que nos acate! Para ele serás também não nobre e digno que a pergunta te estará proibida? **Lohengrin** - Sim, mesmo ao rei eu posso recusar-me e à assembleia mais alta de príncipes! O peso da dúvida não deve recair sobre eles, pois viram e testemunharam minha boa ação! Só a uma pessoa eu devo uma resposta: Elsa.

(Ele para, consternado, quando chega perto de Elsa; e a vê estender um olhar fixo sobre eles e sente que seu peito se excita violentamente, vítima de uma forte luta interior)

Elsa, eu te vejo tremer!

O Rei, os Homens, as Mulheres e os Jovens - Que segredo é esse que o herói deve ter bem guardado?

Ortrud e Friedrich - Eu a vejo exposta a uma violenta emoção. O germe da dúvida foi colocado no fundo do seu coração!

Lohengrin - Eu a vejo presa de uma grande emoção!

O Rei, os Homens, as Mulheres e os Jovens - Se isto lhe causa angústia, possa sua boca guardar o segredo!

Friedrich e Ortrud - A dúvida germina no fundo do seu coração.

Lohengrin - As palavras mentirosas do rancor a seduziram?

Elsa - (olhando longe diante dele, desprendida de tudo) O segredo que ele oculta o levará ao desastre, se o revelar aqui diante de todos os presentes; como seria uma magoável ingratidão se eu traísse meu salvador, forçando-o a revelá-lo.

As Mulheres e os Jovens - Se seu segredo lhe causa angústia, que sua boca o guarde fielmente!

O Rei - Se seu segredo lhe causa angústia, que sua boca o guarde fielmente!

Lohengrin - Eu a vejo presa de uma grande emoção!

Ortrud e Friedrich - Eu a vejo presa de uma grande emoção!

Lohengrin - Ó céu, protege seu coração dos perigos! Que jamais esta mulher pura conheça a dúvida, etc.

O Rei e os Homens - Nós o protegeremos, o nobre herói, da desgraça, seu ato nos mostrou sua nobreza, etc.

Elsa - Se eu conhecesse o seu segredo, eu o guardaria fielmente! Mas, o fundo do meu coração está tocado pela dúvida! etc.

Ortrud e Friedrich - Ele está vencido! Este herói está vencido, subjugado, veio a este país para a minha desgraça; ele está vencido, porque a pergunta lhe foi posta! etc.

As Mulheres e as Moças - Se seu segredo lhe causa angústia, que sua boca o guarde fielmente, etc.

O Rei - Meu herói, responde com audácia a este desleal! Tu és mais nobre para se dar ouvidos às suas acusações!

Os Nobres Saxões e Brabantinos - (acercando-se de Lohengrin) Nós estamos solidários a ti, jamais olvidaremos ter reconhecido em ti o maior dos heróis. Dá-nos a mão! Nós cremos sinceramente que teu nome é sublime, mesmo que não seja por nós conhecido! etc.

Lohengrin - Heróis, vós não lastimareis ter-me dado vossa confiança, mesmo se jamais vos seja revelado o meu nome e a minha origem! etc.

(Os homens formam um círculo em volta de Lohengrin, o qual aperta a mão de cada um. Quando ele circula dentro da roda, Friedrich abre caminho no sentido de Elsa. Dominada de aflição, perplexidade e vergonha, ela não tem ainda ousado olhar para Lohengrin; ela está ainda só, no primeiro plano, lutando com ela mesma)

Friedrich - (inclinando-se para Elsa) Tem confiança em mim! Deixa-me indicar-te um meio que te dará a certeza!

Elsa (chocada, mas educadamente) Não te aproximes de mim!

Friedrich - Deixa-me arrancar dele nada mais do que a mínima parte, a ponta de um dedo, eu te juro, o que ele está mantendo em segredo, ficará totalmente esclarecido para ti, sem ele saber, e ele te será fiel e não te abandonará j amais!

Elsa - Ah! Jamais!

Friedrich - Eu não ficarei longe de ti esta noite - chama-me e será feito rápido, sem lesão e dor!

Lohengrin (avançando ao proscênio) Elsa, com quem tu falas? (Elsa com uma expressão de pânico, desesperada, em dúvida, sai de perto de Friedrich e cai aos pés de Lohengrin, profundamente abalada) Para longe dela, maldito! Que nunca mais meus olhos te vejam novamente perto dela! (Friedrich faz um gesto do mais doloroso furor) Elsa, levanta-te! Nas tuas mãos, na tua fidelidade, estão o penhor de tua felicidade! Não cessa a força da dúvida em teu coração, para te deixar em paz? Queres tu fazer-me, por ventura, as perguntas?

Elsa - (com expressão de extrema excitação e vergonha) Meu salvador, que me trouxe a felicidade! Meu herói, ao qual eu devo me unir! Meu amor deve ser infenso à força da dúvida (Elsa cai em seus braços. O órgão é ouvido na catedral).

Lohengrin - Glória a ti, Elsa! Agora, vamos à presença de Deus!

Os Homens - Vede, ele é um enviado de Deus!

As Mulheres e as Damas de Honra - Glória! Glória! Glória!

(Lohengrin conduz solenemente Elsa, junto do rei, passando diante dos nobres. Todos os homens se postam respeitosamente à sua passagem)

Os Homens - Glória! Glória a vós! Viva Elsa de Brabant!

(Acompanhados do rei, Lohengrin e Elsa dirigem-se lentamente para a catedral) Benditos sejais vós que passam! etc.

Os Homens, Mulheres e Jovens - Glória a ti, plena de virtude! Viva Elsa de Brabant! Glória a ti!

(Quando o rei e o par de noivos atingem o mais alto degrau, Elsa volta-se muito comovida para Lohengrin e este a recebe nos seus braços. Deste abraço, ela olha com uma tímida inquietude para baixo da escadaria à direita e percebe Ortrud, que eleva o braço contra ela, como se estivesse segura de sua vitória; Elsa se volta preocupada. Conduzidos pelo rei, Lohengrin e Elsa avançam para dentro da catedral).

Terceiro Ato Prelúdio Orquestral

A música introdutiva evoca o suntuoso esplendor da festa nupcial

CENA 1

A alcova nupcial; ao fundo e no meio o leito nupcial ricamente ornamentado. Perto de uma janela de sacada, aberta, um sofá baixo. Sente-se que a música provém de detrás da cena. No início, ouve-se um canto longínquo que aos poucos vai-se chegando para bem perto.

Canto Nupcial dos Homens e das Mulheres

Fielmente guiados, entrai lá,

onde encontrareis a bênção do amor!

Na coragem triunfante, o prêmio do amor

fará de vós o mais feliz dos casados.

Campeão da juventude, avança!

Glória da juventude, avança!

Que o sussurro da festa fique agora para trás,

que a felicidade do coração vos seja total!

(À direita e à esquerda, no fundo da cena, as portas se abrem; à direita entram as mulheres, que acompanham Elsa; à esquerda, os homens e o rei, acompanhando Lohengrin. Diante deles, os criados portam candeeiros)

Que esta alcova perfumada, adornada para o amor,

vos acolha já, longe da festa.

Fielmente guiados, entrai agora nesta câmara,

onde encontrareis a felicidade do amor!

Coragem triunfante e amor tão puro

farão de vós o mais feliz dos casais.

(Logo que os dois cortejos se encontram no meio da cena, as mulheres conduzem Elsa até Lohengrin; eles se abraçam e ficam a sós no meio da cena. Os criados removem de Lohengrin seu rico manto; retiram-lhe a espada que depositam sobre o divã; as mulheres também removem de Elsa seu precioso manteau. Oito damas circundam lentamente Lohengrin e Elsa)
Oito Damas (após haverem completado um giro em torno do casal)

Como Deus vos abençoou na felicidade, na alegria vos saudamos.

(Elas fazem uma segunda volta)

Guardai na felicidade o amor para recordardes por longo tempo este momento!

(O rei abraça e abençoa Lohengrin e Elsa. Os jovens acompanhantes lembram a todos a hora de saírem. Os cortejos se formam novamente e, passando diante dos recém-casados, se separam de tal forma que os homens saem pela direita e as mulheres pela esquerda)

Canto Nupcial

Fielmente protegidos, ficai aí onde encontrareis a felicidade no amor!

Coragem triunfante, amor e fortuna farão de vós o mais feliz dos casais.

Campeão da juventude, fica em casa! Ornamento da juventude, fica em casa! Que o murmúrio da festa fique agora para trás, que a felicidade do coração vos seja total!

Que esta alcova perfumada, adornada para o amor, vos acolha agora, longe de toda pompa:

(Os dois cortejos são inteiramente retirados de cena; os últimos criados fecham as portas! O canto vai se perdendo a distância)

Fielmente protegidos, ficai aí onde encontrareis a felicidade no amor! Coragem triunfante, amor e fortuna farão de vós o mais feliz dos casais!

(Elsa, logo que os dois cortejos saem do aposento, abandona-se submergida de felicidade nos braços de Lohengrin. Enquanto se escuta a última estrofe do canto ao longe, Lohengrin conduz Elsa docemente até o sofá, ao lado da janela de sacada, e gentilmente puxa Elsa para si)

Lohengrin - O doce canto se perde ao longe; sozinhos estamos; sós pela primeira vez, desde que nos encontramos. Nós estamos presentemente retirados do mundo, nenhum curioso pode ouvir as saudações dos nossos corações. Elsa, minha mulher! Tu, doce criatura, pura esposa! Dize-me, agora, se és feliz!

Elsa - Como eu seria insensível se não respondesse que sou feliz, quando eu possuo toda a felicidade do céu! Sinto arder para ti docemente o coração; eu respiro as delícias que somente Deus pode dar; sinto-me arder por ti tão docemente, respiro as delícias que somente Deus pode dar!

Lohengrin - Tu, afortunada mulher, terna e bela, te chamas de feliz; me dás também toda a felicidade do céu! Sinto arder para ti docemente o coração, respiro as delícias que somente Deus pode dar; sinto-me arder, etc.

Elsa - Sinto-me arder docemente, .etc.

Lohengrin - Sublime é a essência de nosso amor! Sem nos termos jamais visto, nós já nos sentimos mutuamente; e quando fui eleito o teu campeão, foi o amor que me conduziu até ti: teus olhos me diziam que eras inocente - teu olhar me forçou a servir à tua benevolência.

Elsa - Mas eu já te tinha visto antes, tu me tinhas aparecido num sonho maravilhoso; quando, acordada, eu te vi diante de mim, eu reconheci em ti o enviado de Deus. Então queria me dissolver diante de teu olhar, como um arroio traça seu caminho; como uma flor vaporosa no prado, eu queria me inclinar arrebatada de alegria diante de ti. Será isso somente o amor? Como o chamar, qual palavra indizivelmente maravilhosa o despreveria, como, ah! teu nome - o qual eu não devo conhecer, e pelo qual jamais poderei chamar este que eu tenho como o meu amado!

Lohengrin - Elsa!

Elsa - Com que doçura tua boca pronuncia o meu nome! Não podes tu outorgar-me o nobre som de teu nome? Somente quando formos conduzidos à bonança do amor, tu permitirás que minha boca o pronuncie?

Lohengrin - Minha doce esposa!

Elsa - Sozinhos, quando todos dormem, nunca ele deverá ser levado aos ouvidos do mundo!

Lohengrin - (abraçando-a amavelmente e indicando através da janela aberta o jardim em flor) Não respiras como eu as fragrâncias desse doce perfume? Ó, como inebriam deliciosamente os sentidos! Elas se aproximam misteriosamente pelos ares, e a gente se abandona sem perguntas à sua magia. Tal é o prodígio que me ligou a ti, desde que te vi, minha doce criatura, pela primeira vez; eu não tive necessidade de conhecer teu nome e tua origem, meus olhos te viram - e meu coração te compreendeu. Da mesma forma que os perfumes inebriam deliciosamente os sentidos, quando nos aproximamos um do outro nesta noite enigmática, assim também encantou-me a tua pureza e inocência, desde que te conheci, acusada de um grande crime!

Elsa - (escondendo seu constrangimento, quando se humilha pressionada por ele) Ah, se eu ao menos pudesse provar que sou digna de ti, eu deveria diante de ti não somente desaparecer; se ao menos por um mérito pudesse me unir a ti, se pudesse ver-me ao menos sofrer por ti! Como tu me encontraste acusada de um grande crime, o' se soubesse que te tivesse trazido aqui, puro, mas também em dificuldade, para poder carregar com coragem um pesado fardo, se conhecesse um mal que te ameaçasse! O segredo é então de tal monta que tua boca o esconde do mundo inteiro? Talvez uma desgraça te espreite, se ao mundo inteiro ele for revelado? Se ele for assim e se eu o conhecesse, se eu o tivesse ao alcance do meu poder, nenhuma ameaça poderia de mim o arrancar, e por ti estaria pronta para até morrer!

Lohengrin - Minha bem amada!

Elsa - Ó, faz-me orgulhosa através de tua confiança, para que eu não pareça totalmente indigna! Deixa-me conhecer o teu segredo, para que eu claramente possa saber quem tu és!

Lohengrin - Ah, Elsa, silêncio!

Elsa - A minha fidelidade descobre o valor da tua nobreza! Dize-me, sem remorso, de onde vieste - que eu te garanto a força do meu silêncio! **Lohengrin** - (com expressão grave, movendo-se para trás alguns passos)

Tu me deves ser grata por altíssima confiança, porque voluntariamente eu acreditei no teu juramento. Se tu nunca vacilares diante de minha imposta condição, eu te colocarei bem acima das outras mulheres (ele se volta novamente para Elsa, com afeto). Aos meus braços, tu, doce mulher, inocente e pura! Vem ficar próxima do ardor do meu coração, que teus olhos, nos quais eu vejo toda a minha felicidade, resplandecem docemente sobre os meus! Oh, concede-me que em doces êxtases eu respire o teu sopro: oh, deixa-me abraçar-te contra o meu peito para que eu possa me sentir feliz ao teu lado! Teu amor deve bem alto me compensar do que por ti eu já renunciei; nenhuma sorte em todo o mundo de Deus pode ser mais nobre do que a minha. Se o rei me oferecesse sua coroa, eu poderia a justo título recusá-la. Há uma só coisa que vale o meu sacrifício, que é o teu amor, eu concludo. Assim, portanto, para sempre evitar a dúvida, que teu amor seja a minha fiel garantia! Não venho da obscuridade, nem do sofrimento, mas da luz e de um feliz esplendor!

Elsa - Meu Deus, que devo ouvir! Que prova deste-me dos teus próprios lábios! Tu quiseste me seduzir, agora eu sei, presentemente, o meu triste destino! A sorte que até mim escapou era a tua maior felicidade. Tu vieste até mim das delícias da luz e pouco tempo depois quererás para lá retornar. Como eu poderia imaginar que te bastaria a minha fidelidade? Um dia virá no qual estarei despojada de ti, porque tu lamentarás, arrependido, o teu amor por mim!

Lohengrin - Cessa de assim te atormentar!

Elsa - Mas és tu quem me atormenta! Devo contar os dias em que eu te terei junto de mim? No receio de tua brusca partida, minha face empalidece - então queres apressar-te para mim e eu restarei aqui na miséria!

Lohengrin - Jamais teu encanto desaparecerá, se ficares pura de toda dúvida!

Elsa - Ah, que poder eu tenho para te ligar sempre a mim? Teu ser está pleno de magia, através de um prodígio vieste aqui. Como deverei esperar ser sempre feliz? Como deverei estar sempre segura de ti ao meu lado?

(Presas da mais viva agitação, ela fica submergida pela aflição, mas logo se detém, como se para escutar) Não ouviste nada? Não ouviste como se alguém estivesse se aproximando?

Lohengrin - Elsa!

Elsa - Ah, não! (com olhar fixo nele) Lá, lá - o cisne - o cisne! Lá ele vem nadando sobre as águas - tu o chamas - ele vem puxando o teu barco! **Lohengrin** - Elsa! Pára! Acalma a tua loucura!

Elsa - Nada poderá me dar a paz, nada poderá arrancar a minha loucura, a menos que - mesmo ao preço de minha vida - tu me reveles quem tu és! **Lohengrin** - Pára!

Elsa - De onde vieste?

Lohengrin - Infelicidade para ti!

Elsa - Qual é a tua origem?

Lohengrin - Infelicidade para nós; o que fizeste?

Elsa - (ela se detém à frente de Lohengrin, que se voltou para o fundo da alcova e vê Friedrich e seus quatro nobres entrando por uma porta de trás, todos com a espada sacada) Salva-te! Tua espada, tua espada!

(Elsa pega a espada que estava colocada no sofá e a passa rapidamente para Lohengrin, de modo que ele possa tirá-la imediatamente da bainha. Lohengrin fere mortalmente a Friedrich, que cai ao chão; os nobres, terrificados, deixam cair ao solo suas espadas e se ajoelham aos pés de Lohengrin. Elsa, que se lançou contra o peito de Lohengrin, tomba lentamente desmaiada na frente dele)

Lohengrin - (sozinho em pé) Desgraça, agora se foi toda a nossa felicidade! (Ele se debruça sobre Elsa, a ergue docemente e a estende sobre o sofá) **Elsa** - (abrindo os olhos) Eterno Deus, tende piedade de mim!

(Começa pouco a pouco a despontar a aurora; os candeeiros, que por longo tempo iluminavam a alcova, estão se apagando. Sob um sinal de Lohengrin, os quatro nobres se levantam)

Lohengrin - Levai o morto para a frente do tribunal do rei!

(Os nobres carregam o cadáver de Friedrich e se afastam por uma porta dos fundos. Lohengrin puxa a corda da campainha e quatro mulheres entram rapidamente pelo lado esquerdo)

Lohengrin - (às mulheres) Adornem Elsa, minha querida esposa, e preparai-a para ser conduzida à presença do rei! Lá eu lhe darei uma resposta para que conheça a origem do seu esposo!

(Ele desaparece com uma expressão de tristeza e solenemente através da porta da direita. As mulheres levam Elsa, incapaz de qualquer movimento, pela esquerda. O dia começa lentamente a surgir; os candeeiros são apagados. Ouve-se lá fora, no pátio, o som das cornetas, como de convocação dos nobres)

CENA 2

O prado à margem do Scheldt, como no primeiro ato. Clarão vermelho da manhã.. Progressivamente, faz-se pleno o dia.

(Um conde acompanhado de seus soldados vem ao primeiro plano, à direita, descendo de seu cavalo e confiando-o ao criado. Dois pagens portam seu escudo e sua lança. Ele coloca sua bandeira presa ao chão, ao redor da qual se reúnem suas tropas)

(Em seguida, um segundo conde surge para proceder da mesma maneira que o primeiro; ouve-se o som da cometa anunciando a chegada do terceiro) (Um quarto conde chega pela direita com suas tropas e se posiciona no meio, ao fundo da cena)

(Quando se ouve, à esquerda, o som da cometa do rei, todos se agrupam em torno de seus estandartes. O rei com seu exército saxão entra pela esquerda)

Todos os Homens - (quando o rei chega e se posiciona debaixo do carvalho) Salve, rei Henrique! Rei Henrique, glória a ti!

Rei Henrique - Eu agradeço a vós, gentis homens de Brabant! Como meu coração se inflamaria de orgulho se encontrasse em cada país da Alemanha um exército tão rico e tão forte! Agora, avizinha-se a hora de enfrentar o inimigo do rei; nós o receberemos com valentia: de suas tristes regiões do leste, ele jamais deverá de novo atacar! Pela terra alemã, a espada alemã! Assim será provada a força do Império!

Todos os Homens - A espada alemã defenderá o solo alemão! Assim será provada a força do Império!

O Rei - Onde está agora ele, o enviado de Deus, para a glória e a grandeza de Brabant?

(Sucede-se um leve tumulto; quatro nobres brabantinos portam o cadáver de Friedrich, coberto, sobre uma padiola e o depositam no meio da cena. Todos se olham com uma expressão de inquietude e interrogação)

Os Homens - O que eles trazem ali? Que significa isso? Eles são vassallos de Telramund!

O Rei - O que trazeis até mim? Que devo eu ver? A visão de vocês me enche de horror!

Os Quatro Nobres - Assim nos mandou o Protetor de Brabant; quem é este, ele mesmo vos fará saber!

(Elsa acompanhada de um grande séquito de damas avança lentamente até o proscênio, vacilando)

Os Homens - Contemplem, Elsa aproxima-se, a plena de virtudes! Quão triste e pálida se apresenta!

O Rei - (que vai ao encontro de Elsa e a acompanha até um assento oposto ao dele) Como te vejo triste! A tua separação dele te causa tanta comoção? (Elsa tenta levantar os olhos, mas não consegue. Ocorre um grande tumulto no fundo da cena)

Alguns Homens - Façam caminho ao herói de Brabant!

(Lohengrin, vestido e armado como no primeiro ato, entra sem seu séquito, e avança com passo solene até o proscênio)

Todos os Homens - Glória ao Protetor de Brabant! Viva! Viva!

O Rei (tomando seu lugar, de novo, sob o carvalho) Sejas bem-vindo até nós, nobre guerreiro! Aqueles que tu convocaste fielmente ao campo de batalha te atenderam, prontos para a guerra, certos da vitória, sob teu comando.

Os Homens - Nós atendemos ao teu chamado, estamos prontos com ardor para o combate, sob teu comando, certos da vitória!

Lohengrin - Meu Senhor e Rei, deixai-me informarvos: estes que eu convoquei, os audaciosos heróis, não poderei mais conduzi-los ao combate! (Todos os presentes expressam grande consternação)

O Rei e os Homens - Eterno Deus, ajuda-nos! Que duras palavras ele fala! **As Mulheres** - Meu Deus!

Lohengrin - Eu agora não vim aqui como um homem de combate; ouvi-me como um queixoso diante de ti!

(Ele descobre o cadáver de Friedrich, à vista do qual todos se voltam com horror)

Em primeiro lugar, em alta voz e forte, eu pergunto a todos vós, para que me digam, segundo a justiça: este homem que me atacou de surpresa, à noite, dizei-me, tinha eu o direito de tirar-lhe a vida?

O Rei e os Homens - (indicando solenemente o cadáver com a mão) Como tua mão em justa hora tirou a vida dele sobre a terra, Deus o punirá no outro mundo!

Lohengrin - Mas vós deveis ouvir uma outra acusação, porque eu proclamo agora ao mundo inteiro que a mulher que Deus me havia confiado deixou-se persuadir e me traiu!

Os Homens - Elsa! Como pôde isso acontecer? Como pudeste agir dessa maneira?

O Rei - Elsa! Como pudeste cometer semelhante falta?

As Mulheres - (mirando Elsa com gestos plenos de censura) Desgraça para ti, Elsa!

Lohengrin - Não ouviram vós todos como ela jurou de jamais procurar saber quem eu sou? Mas ela, à noite, quebrou seu solene juramento, abrindo seu coração a um pérfido conselho!

(Todos dão sinal de grande comoção)

Como recompensa da terrível pergunta de sua dúvida, que a resposta não seja mais delongada e por mim guardada: sempre recusei-me a ceder às pressões do inimigo, agora eu devo revelar o meu nome e a minha origem. (Seu semblante brilha cada vez mais)

Agora observai bem, se eu devo ter medo do dia: diante do mundo inteiro, ao rei e ao Império, eu revelo agora o meu segredo (erguendo-se). Escutai e deduzi, se minha nobreza não se iguala à vossa!

Os Homens - Que coisa incrível devo agora ouvir? O' se ele pudesse evitar esta proclamação forçada!

O Rei - O que devo eu agora ouvir? Ó se ele pudesse evitar essa revelação! **Lohengrin** - (olhando longe, solenemente transfigurado) Em um país bem longe daqui, inacessível a vossos passos, há um castelo com o nome de Montsalvat; um templo luminoso e esplêndido encontra-se dentro dele, não se conhece no mundo nada de mais precioso; dentro dele, um cálice de poder divino e milagroso, está guardado como a mais sagrada relíquia: uma corte de anjos o trouxe lá para que por desvelo o guardem os homens, os

mais puros. Cada ano uma pomba branca desce do céu para reforçar o seu maravilhoso poder: ele se chama Gral, e a fé a mais pura por ele é difundida sobre todos os cavaleiros. Aquele que é eleito para servir ao Gral, este ele o arma de um poder sobrenatural; nenhum maligno embuste ou fraude pode atingi-lo. Logo que ele o divisar, a noite da morte se esvanece sobre o infrator. Mesmo aquele que é enviado a um país distante para defender o direito e a virtude, da sua força divina não ficará despido, pois ele permanece incógnito. O Gral é de uma natureza tão sublime que, quando é descoberto, deve evitar o profano; é por isso que não se deve nutrir dúvida sobre seu cavaleiro, que, uma vez descoberto, deve deixar a companhia daqueles onde se encontra. Ouvi, agora, como recompensa, a resposta à pergunta proibida! Foi o Gral que me enviou até vós: meu pai, Parzival, carrega sua coroa, e eu, seu cavaleiro, me chamo Lohengrin!

O Rei, os Homens e as Mulheres - Ouvi-lo atestar a sua origem sublime, enche de lágrimas sagradas nossos olhos, de felicidade.

Elsa - (como se destruída) O chão me falta aos pés! Que noite! Oh, o ar! O ar para a infeliz!

(Ela está quase em colapso, quando Lohengrin a toma em seus braços) **Lohengrin** - Ó Elsa! O que me fizeste? Quando meus olhos te viram pela primeira vez eu me senti ardente de amor por ti e rapidamente conheci uma nova felicidade: o poder sublime, o prodígio de minha origem, a força que dissipou meu segredo, antes de tudo eu quis me por ao serviço do coração mais puro. Por quê me forçaste a revelar-te meu segredo? Agora devo, ah, ser separado de ti!

Os Homens e as Mulheres, o Rei - Desgraça! Pesar! Pesar!

Elsa - Meu esposo! Não! Eu não te deixarei partir! Como testemunha da minha penitência, permanece aqui! etc.

Lohengrin - Eu devo! Eu devo! Minha doce esposa!

Os Homens e as Mulheres - Desgraça!

Elsa - Não debes fugir de meu amargo remorso, para que tu me punas, eu me prostro diante de ti.

As Mulheres - Infortúnio, agora deve ele ser separado de ti!

O Rei e **Todos os Homens** - (circundando Lohengrin) Ó, fica e nunca nos abandones! Teus vassalos esperam pelo seu chefe! Ó, fica! etc.

Lohengrin - Ó Rei, escutai! Eu não posso mais vos acompanhar! O cavaleiro do Gral, uma vez reconhecido, se ele quiser em desobediência combater convosco, toda força

lhe será retirada! Portanto, grande rei, deixai que eu vos profetize. A vós, ó excelso, será dada uma grande vitória! Nunca mais, até mesmo no mais distante futuro, as hordas orientais se proclamam vitoriosas contra a Alemanha!

(Excitação geral. Vê-se sobre o rio o cisne aproximando-se com a barca, como no primeiro ato, quando Lohengrin apareceu)

Um Grupo de Homens - (ao fundo da cena) O cisne! O cisne! O cisne! O cisne! Vede como um raio se aproxima de novo!

Os Outros Homens - (no primeiro plano, correndo para trás) O cisne! Vede como rápido se aproxima de novo!

As Mulheres - (um pouco mais distantes, em torno de Elsa) O cisne! Infortúnio, ele se aproxima!

Todos os Homens - Ele se aproxima, o cisne!

(O cisne percorre a curva que delineia o rio)

Elsa - (saindo de seu torpor, ela se levanta, apoiada sobre o assento, e olha para o rio) Coisa horrível! Ah, o cisne!

(Ela fica longo momento na mesma posição, como se paralisada) **Lohengrin** - Já o envia para o retardatário o Gral!

(Em uma atmosfera plena de tensão, ele se aproxima do rio e se debruça sobre o cisne, contemplando-o docemente)

Meu caro cisne! Ah, esta última, triste viagem, como bem queria dela te poupar! Em um ano, quando teu tempo de serviço deverá chegar ao fim - agora, liberado pelo poder do Gral, eu queria te rever de outra maneira! (Ele se volta, demonstrando profunda dor, olhando Elsa)

Ó Elsa! Um ano somente ao teu lado eu a teria como testemunha de tua ansiada felicidade. Então, o teu irmão, o qual pensavas morto, retornaria feliz, acompanhado da abençoada escolta dos cavaleiros do Gral.

(Todos experimentam uma grande surpresa. Lohengrin estende e entrega a Elsa a trompa, a espada e um anel para o irmão) Ele retornará quando eu estiver já longe dele, tu deverás lhe dar esta trompa, esta espada e este anel.

A trompa o ajudará a livrar-se dos perigos; a espada lhe dará em combate a vitória, e o anel, com o qual ele se lembrará de mim, o salvará um dia da vergonha e da aflição!

(Ele repetidamente beija Elsa que é incapaz de dizer qualquer palavra) Adeus! Adeus! Adeus, minha doce esposa! Adeus! O Gral se fechará se eu permanecer aqui por mais um pouco! Adeus! Adeus!

(Elsa bem que tentou, desesperadamente, segurá-lo; mas, finalmente, as forças a abandonaram e ela caiu nos braços das mulheres, a quem Lohengrin a confiou, antes de correr para as margens do rio)

O Rei, os Homens e as Mulheres - Desdita! Desdita! Desdita! Tu, herói, sublime homem! Quão dura é a pena que nos infligiste!

Ortrud - (avança para o proscênio com expressão de júbilo) Vai para casa! Vai para tua casa, soberbo herói, para que eu possa revelar com júbilo a esta tola moça quem estava te levando na barca! Pela corrente de ouro que eu o envolvi, vi claramente que ele é aquele cisne: ele é o herdeiro de Brabant!

Todos - Ah!

Ortrud - (para Elsa) Obrigado por teres feito partir o cavaleiro! Agora o cisne o reconduz à sua casa: se ele, o herói, permanecesse, por longo tempo, o herói poderia também libertar teu irmão!

Os Homens - Odiosa mulher! Ah, que crime agora confessaste com um insolente desdém?

As Mulheres - Odiosa mulher!

Ortrud - Aprendei como se vingam os deuses que vocês que não mais os adoram!

(Ela permanece de pé, toda erguida, em um selvagem arrebatamento) (Lohengrin, que está junto à margem do rio, entendeu perfeitamente as palavras de Ortrud, e caiu de joelhos solenemente para uma muda prece. Todos os olhares se voltam para ele, numa expectativa plena de tensão. A branca pomba do Gral desce sobre o barco. Lohengrin a avista, com um olhar de reconhecimento, levanta-se e liberta o cisne de sua cadeia; a seguir, devolve à terra um belo rapaz, vestido numa roupa prateada e cintilante - Gottfried.)

Lohengrin - Eis aí o Conde de Brabant! Ele deve ser o vosso chefe!

(À visão de Gottfried, Ortrud cai ao chão. Lohengrin salta rápido para dentro da barca que a pomba segura pela cadeia que ela imediatamente solta. Elsa olha Gottfried, transfigurada no último momento de alegria, o qual avança e se inclina diante do rei. Todos o contemplam com uma admiração e alegria, e os brabantinos se ajoelham diante dele em sinal de respeito e de homenagem. Gottfried precipita-se, em seguida, para os braços de Elsa)

Elsa - (após um curto momento de alegre júbilo, torna vivamente seu olhar para o rio, onde ela não avista mais Lohengrin) Meu esposo! Meu esposo! (Ao longe, pode-se ainda avistar Lohengrin; ele está sentado na barca, a cabeça inclinada, apoiada tristemente sobre seu escudo)

Elsa - Ah!

O Rei, os Homens e as Mulheres - Ó dor!

(Elsa, que Gottfried segura nos braços, cai lentamente sobre a terra, sem vida. Lohengrin é visto sempre cada vez mais distante).

FIM